



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 2 de setembro de 2025 » Ano XXV » Nº 1177
Edição Gratuita Diário » www.eshoje.com.br



/eshoje



@eshoje



eshoje



eshoje

ESPECIAL

**Valorização
econômica
pelo turismo » 4**

JANSEN LUBE/PMV



ARTIGO

**Criança
precisa ser
criança » 2**

DIVULGAÇÃO



CULTURA

**Os lugares que
constituem
Jaíne Muniz » 5**

DIVULGAÇÃO



Casos de estupro crescem, anualmente, no Estado

Dos 776 casos oficialmente registrados no primeiro semestre deste ano, 566 foram contra menores de 18 anos ou idosos, aponta Observatório da Segurança » 3

DIVULGAÇÃO



MARIA TEREZA SAMORA

Precisamos deixar crianças serem crianças

Nos últimos dias, o tema da adultização infantil voltou com força ao debate público, após a denúncia feita pelo influenciador Felca. É bom ver que pessoas com alcance nacional têm usado sua voz para trazer luz a uma questão tão séria. A delegada Sheila, que diariamente alerta às famílias em suas redes sociais, também reforça esse chamado: precisamos proteger nossas crianças.

Como psicopedagoga e mãe, não posso deixar de refletir sobre o quanto a tecnologia tem antecipado fases da infância. Muitas vezes, vejo pais cedendo pelo cansaço, acreditando que o celular pode “resolver” momentos de tédio ou até conflitos. Mas é preciso ter clareza: celular não é brinquedo. TikTok não foi feito para crianças.

O desenvolvimento infantil é feito de etapas, e pular essas fases traz prejuízos sérios, tanto emocionais quanto cognitivos. Quando entregamos uma tela

sem limites, não damos a chance de nossos filhos explorarem o mundo real, criarem, se movimentarem e aprenderem a lidar com o tempo e o tédio.

Claro que não é fácil, eu sei. Às vezes nossos filhos insistem até nos vencer pelo cansaço. Mas nós, como pais, precisamos lembrar: somos nós que sabemos o que é melhor para eles. Somos nós que podemos oferecer alternativas.

Como prevenir a adultização infantil?

Aqui vão algumas orientações práticas:

1- Criança menor de 10 anos não precisa de celular próprio. Isso torna muito mais difícil o controle. Se já tem, use ferramentas de proteção, como o Family Link do Google, que permite limitar o tempo de uso e até definir horários. Isso evita o desgaste de ficar discutindo a todo momento.

2- Entenda o cérebro infantil. A criança não tem noção de parar sozinha, porque o cérebro em desenvolvimento pede sempre mais dopamina. Não espere que ela consiga se autorregular

sem limites claros.

3- Ofereça alternativas concretas. Invista em materiais de papeleria, jogos de tabuleiro, massinhas, tintas, miçangas, caixas de papelão. Dê à criança a oportunidade de criar, imaginar e se entreter de forma saudável.

4- Aceite a bagunça. Casa com vida e energia é uma casa com brinquedo espalhado, com tinta na mesa, com caixa de papelão virando castelo. Outro dia ouvi de uma mãe: “prefiro minha casa organizada do que bagunçada, por isso deixo meu fi-

lho no celular”. Essa é uma escolha. Mas é preciso lembrar: o preço de uma casa organizada demais pode ser uma infância roubada.

Adultizar nossas crianças é um risco real. Mas ainda há tempo de revermos nossas escolhas. O maior presente que podemos dar aos nossos filhos é permitir que vivam sua infância plenamente. Brincando, explorando, aprendendo com o mundo real, não apenas com a tela. Eu acredito que mentes saudáveis criam um mundo melhor.



Estado contabilizou quase 800 casos de estupro

O Brasil teve uma média de 187 registros de estupro por dia no primeiro semestre de 2025

DANIELEH COUTINHO

danihcourtinho@eshoje.com.br

O Espírito Santo registrou, de janeiro a julho desse ano 776 casos de estupro, segundo o Observatório de Segurança Pública capixaba. Os números apontam que 521 vítimas são crianças de zero a 17 anos e que a maioria dos crimes são praticados justamente dentro de suas casas - isto é, por pessoas conhecidas pelas vítimas.

O painel da secretaria de Segurança Pública do ES tem dados entre 2022 e 2025, sendo que nos últimos os crimes aumentam consideravelmente, saindo de 1439 para 1575 em dois anos.

No primeiro ano da série, os meses com mais casos foram setembro e outubro, com 153 e 150 estupros, respectivamente. No ano seguinte o pico foi maio, com 150 casos e ano passado o mesmo mês, quando foram notificados 160.

Comparando o primeiro semestre na série história, em 2022 foram registrados 798, no ano seguinte 867, enquanto ano passado os casos de estupros registrados no Espírito Santo chegaram a 921.

Observatório da Segurança do Espírito Santo registrou 776 casos de estupro esse ano, a maioria são a vulneráveis



DIVULGAÇÃO

BRASIL

Os registros de estupro contra mulheres têm tendência de queda em 2025, mas se mantêm em patamares altos. Foram 33.999 casos registrados de janeiro a junho deste ano, resultando na média de 187 por dia.

Rondônia registrou a maior taxa do crime no mês de junho, por exemplo, com 16 casos por 100 mil habitantes, seguido por Amapá e Roraima (13). As menores taxas estão no Rio Grande do Norte, Distrito Federal e Ceará (3).

Em 2024, houve 75.061 registros de estupro, 205 por dia. Nos últimos cinco anos, a média é de 195 estupros notificados diariamente.

Para Beatriz Accioly, doutora em antropologia pela USP (Universidade de São Paulo) e líder de políticas públicas pelo fim da violência contra as mulheres no Instituto Natura, é urgente melhorar a articulação para enfrentamento da violência de gênero no Brasil. Hoje, os números são assustadores, diz.

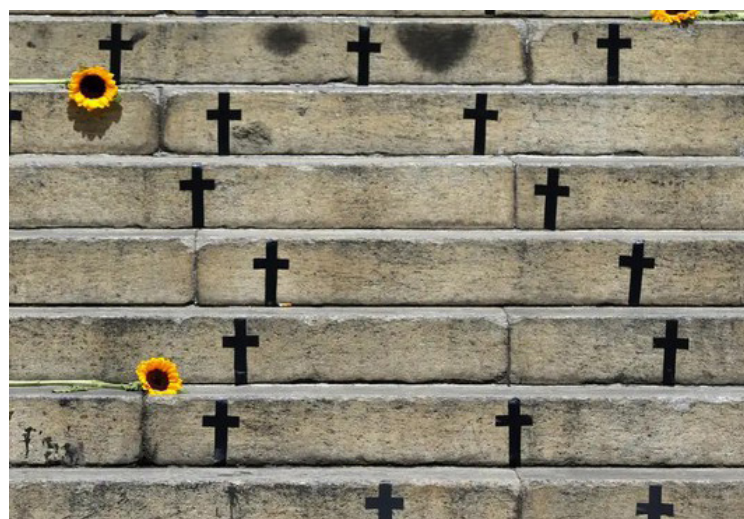
"Infelizmente, o tema ainda é tratado como algo da esfera da moral e não como de responsabilidade da gestão pública, com prioridade, orçamento e planejamento. Precisamos fortalecer a rede de atendimento e enfrentamento, em especial fora das capitais, para garantir resposta rápida e eficaz às denúncias e pedidos de apoio", analisa a especialista.

Feminicídio: 19 casos oficiais

O BRASIL registrou média de quatro registros de feminicídios e 187 de estupro de mulheres por dia no primeiro semestre de 2025, mostra o Mapa Nacional da Violência de Gênero - com dados extraídos do Ministério da Justiça e Segurança Pública e organizados por Instituto Natura e Observatório da Mulher Contra a Violência do Senado.

O levantamento mostra que 718 mulheres morreram em razão do seu gênero de janeiro a junho de 2025, conforme registros de ocorrência. O estado de São Paulo lidera em número absoluto de casos oficiais (128), seguido por Minas Gerais (60), Bahia (52), Rio de Janeiro (49) e Pernambuco (45).

Desde a criação da Lei do Feminicídio, em 2015, o país regis-



A violência contra mulher provocou 4 mortes por dia no Brasil

trou 12.380 vítimas desse tipo de crime, e a média de quatro mortes por dia se repete há cinco anos. No Espírito Santo neste ano foram 19 casos de mortes oficiais com essa tipificação, mas o estaco capixaba acumula, desde 2017, 303 vítimas - se destacando 2017 (42), 2021 e 2024 com 39 feminicídios.

Beatriz Accioly ressalta ainda que, mesmo com dados já alarmantes, é possível que o problema seja maior. Isso porque a tipificação do crime de feminicídio depende geralmente da

análise da autoridade policial e há, até hoje, um esforço para diferenciar homicídios de feminicídios.

Vitória Régia da Silva, diretora-executiva da Associação Gênero e Número, é mais incisiva sobre os dados. Para ela, eles revelam a total omissão do Estado em seu dever de proteger, especialmente meninas e mulheres. "É preciso transformar informação em ação concreta. Não podemos naturalizar a morte e a violência como parte do cotidiano", diz ela.



DIVULGAÇÃO

“Precisamos fortalecer a rede de atendimento e de enfrentamento, especialmente, fora das capitais”

Beatriz Accioly, antropóloga

NÚMEROS

718

mulheres morreram em razão do gênero no primeiro semestre

187/dia

foi a média de estupros registrados no Brasil

Nova rota turística e econômica por São Pedro

O trabalho de requalificação da nova orla na Grande São Pedro já tornou o local uma nova rota

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

No dia 8 de setembro a cidade de Vitória completa **474 anos**. Até sexta-feira (5), em uma série especial, **ES Hoje** traz reportagens comemorativas - que também pode ser lida em Conexões no portal eshoje.com.br -, destacando grandes transformações pelas quais passa a capital capixaba. Começando pela nova orla de São Pedro, uma obra que visa promover o turismo atrelado a cultura, arte, culinária e lazer. O pôr-do-sol mais bonito do mundo ficou ainda mais encantador!

O presidente do movimento comunitário da Ilha das Caieiras, Celso Luchini, disse que a região ficou convidativa. "As pessoas estão vindo para cá para passear com a família, cadeirantes que ficavam muitas vezes confinados dentro dos lares, hoje tem uma orla para um passeio. A infraestrutura está ótima! Depois de toda a intervenção estamos recebendo mais visitantes, que buscam um pouco de tudo por aqui, principalmente conhecer o novo local. Isso ajuda a região a ter mais reconhecimento e crescimento".

O trabalho de requalificação da nova orla de São Pedro já tornou o local uma nova rota turística e econômica na capital. A empresa



DIVULGAÇÃO

“Depois de toda a mudança feita aqui na orla, nós estamos recebendo mais clientes”

Eliana Santos, chef de cozinha



FOTOS: JANSEN LUBE/PMV

Deck novo e rampas de acesso para embarcações foram algumas adaptações da Orla de São Pedro

responsável, Contractor Engenharia, está perto de entregar o primeiro trecho da ciclopassarela ligando os bairros Santo André, Redenção, Nova Palestina e Resistência. O equipamento integra a segunda etapa das obras na região e faz parte do projeto Vitória de Frente para o Mar.

No total, são 4,04 quilômetros de vias, entre ciclopassarela e requalificação de ruas que margeiam o mangue, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID.

Em julho de 2024, foi concluída a primeira etapa, que contemplou o trecho da orla dos bairros São Pedro e Ilha das Caieiras, totalizando 1.160 metros. Com novos ambientes de convívio, o lugar virou palco para inúmeros eventos municipais e programações da região.

Além da melhoria da mobilidade urbana na região, as intervenções promovem as atividades econômicas que potencializam os atrativos turísticos, viabilizando alternativas de geração de renda, tais como restaurantes, quiosques e pontos de pesca.

Eliana Santos é chef de cozinha na região da Ilha das Caieiras e diz que as obras levaram mais satisfação e conforto para todos os visitantes. "Depois de toda a mudança feita aqui na orla, nós estamos recebendo mais clientes, e eles têm ficado muito satisfeitos

Valorização física e social



A obra proporcionou valorização em toda a região

A OBRA também pode ser considerada um avanço social e a transformação da cidade, que hoje é pensada para valorizar todas as regiões. No caso da Grande São Pedro, mais do que morar e viver, o local se torna um ponto turístico nacional e internacional, com passeio por manguezais preservados, mostrando a beleza natural que encanta moradores e visitantes.

"Vitória é uma cidade em transformação. E a Grande São Pedro está incluída nesta agenda. Com a obra da nova orla estamos cuidando da mobilidade, da qualidade de vida, do incremento ao turismo, da geração de emprego e renda, valorizando e preservando o meio ambiente", comemorou o prefeito.

Além da ligação de São Pedro até a Ilha das Caieiras, que já foi entregue, está em construção mais quatro quilômetros de urbanização de toda orla para dar dignidade à população da Grande São Pedro. "Essa obra que transforma a nossa cidade é parte do projeto Vitória de Frente para o Mar, que leva urbanização e oportunidades de renda para as comunidades residentes nas orlas da ilha de Vitória", disse o secretário de Obras, Gustavo Perin.

O projeto destacado pelo secretário visa requalificar as orlas da cidade por meio do desenho urbano com calçadas, cicloviárias, píeres, atracadouros, jardins, mobiliário urbano, implantação e reforma de equipamentos públi-

NÚMEROS

474

anos é a idade que a capital do Espírito Santo completa dia 8

1.160

metro de orla já entregue na primeira etapa do projeto

4,04 km

de vias, entre ciclopassarela e requalificação de ruas

com toda a infraestrutura dessa nova orla. Isso também é bom para a gente, já que nossas produções e nossas vendas aumentaram", disse.

"Quem vive em Resistência e Nova Palestina está feliz e orgulhoso de ver as mudanças acontecendo. Com as melhorias feitas, o trajeto ficará muito mais fácil e seguro, beneficiando trabalhadores, ciclistas e quem gosta de se exercitar ao ar livre", destaca o prefeito Lorenzo Pazolini.

cos, bem como de ações de melhoria da mobilidade urbana da região e o fomento das atividades econômicas que potencializem os atrativos turísticos e viabilizem alternativas de geração de renda para os moradores, tais como restaurantes, quiosques e pontos de pesca.

Para segunda etapa da requalificação da orla de São Pedro, estão em andamento as seguintes intervenções realizadas pela Contractor Engenharia:

- * requalificação das vias (ciclovia, calçada, pista, estacionamentos, canteiros e praças);
- * passeio contínuo à beira-mar com decks, arquibancadas alagáveis, rampas para barcos e requalificação em piso intertravado;
- * cinco queimadores de mariscos - para os pescadores e desfiadeiras de siri;
- * implantação da Praça do Papa, situada na Rua São Pedro;
- * ligação entre Nova Palestina e Resistência (passarela de pedestres/ciclovia);
- * iluminação pública;
- * rede de drenagem;
- * recuperação do manguezal;
- * paisagismo e incremento da arborização urbana;
- * academias de Idosos, academias de jovens e Parques Kids.

Jaíne Muniz em pintura, desenho, vídeo e instalação

Trajetória combina pesquisa acadêmica, práticas curatoriais e experiências em intercâmbios

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

DIVULGAÇÃO

Artista visual, pesquisadora e educadora Jaíne Muniz tem se consolidado com trabalhos em pintura, desenho, vídeo e instalação. Tudo isso pôde ser visto e vivenciado na exposição “O Peso da Água”, que ela levou para a Galeria Homero Massena, em Vitória.

A mostra explorou a água como metáfora e matéria sensível, refletindo sobre corpo, memória, ancestralidade e identidade. Através da abstração, Jaíne propôs um mergulho nas dimensões simbólicas, políticas e poéticas que atravessam a experiência da existência e do pertencimento.

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e atualmente mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes na estadual do Rio de Janeiro, a trajetória de Jaíne combina pesquisa acadêmica, práticas curatoriais e experiências em intercâmbio internacional no Canadá e nos Estados Unidos.

ES Hoje: Como a água atua nas suas obras da exposição ‘O Peso da Água’?

Jaíne Muniz: A água é a fonte da vida no Planeta Terra, sem ela seria impossível a nossa existência e a existência de tudo que nos rodeia. Quando me atento ao que a água representa para mim, sinto no meu corpo um estado de purificação, renovação, hidratação. Minha avó sempre dizia que até o ato de beber água precisa ser intencional porque é ela que irá nutrir o nosso corpo. Por isso, estar com ela é aprender com o ciclo de vida e morte que permeia essa existência desde os primórdios. Cuidar desse elemento precisa ser um esforço coletivo.

Quais aspectos do corpo, memória e performatividade buscou explorar no processo criativo dessa exposição?

No meu processo de criação entendi que precisava primeiro compreender o que a água pedia de mim, então estar próxima a rios e mares foi essencial nesse momento. Todas as sensações de movimento, balanço, correnteza, quebra e horizontalidade que existem nos meus desenhos, pinturas, vídeo e instalação presentes na exposição



Na exposição “O peso da água”, na galeria Homero Massena, Jaíne propôs um mergulho nas dimensões simbólicas, políticas e poéticas

só transparecem por causa desse contato do corpo, da presença e da memória sensorial desses elementos.

Como sua pesquisa na UERJ dialoga ou alimenta sua prática artística e curatorial?

A minha escrita investiga de que maneira o meu processo de criação me informa sobre a minha ancestralidade, a minha memória, os meus sentimentos e de que maneira tudo isso está conectado à uma esfera coletiva do pensamento artístico negro contemporâneo. Então de certo modo, a pesquisa e a prática é intrinsecamente interligada.

De que forma a experiência como mediadora no Museu Capixaba do Negro influencia sua percepção da arte e o envolvimento com o público?

Ao contrário do que muitas pessoas esperavam ver no Mucane, como elementos que remetem a escravidão e objetos de tortura, o museu sempre foi um espaço de liberdade para as manifestações de presença ne-

gra no cenário capixaba. Fazer parte do educativo me abriu a percepção de que de fato uma grande parte das pessoas espera que um museu do negro fale sobre esse histórico, mas que nós somos mais do que o objeto desse algoz. Foi a partir dessa experiência que decidi que a minha produção não estaria nesse reflexo do que as pessoas esperam ver de um corpo negro, reiterando o lugar da subjugação, e sim do exercício de liberdade.

Como articula conceitos como feminismo negro e identidade corporal em suas criações visuais?

Quando pinto, desenho ou escrevo falo dos lugares que me constituem, sobre ter nascido numa ilha como Vitória, crescendo na região periférica de Cariacica e Vila Velha. A partir disso penso como o limiar do gênero me possibilita expressar publicamente sobre o que me afeta, as cores, as paisagens, os sentimentos, junto com as belezas desses lugares e apesar das interferências violentas que tam-

bém prevalecem deles.

Como as experiências no Canadá e EUA contribuíram para sua formação estética e política?

Ambos intercâmbios se deram através de bolsas de estudo que me levaram a conhecer realidades distintas de experiência social e educacional. Reconheci a importância da minha presença como bolsista, acessando espaços que se fosse pela realidade econômica da minha família isso não seria possível. Também percebo que o contato com outra língua e outros modos de exercer a vida ampliaram a minha percepção sobre a realidade do meu próprio país, encontrando um sentido estético que provém do território que me constitui, mesmo sendo viajante.

Suas pesquisas sobre ancestralidade e historicidade repercutem na construção de sua poética visual?

Sinto que de alguma forma, ao acessar a abstração em mim eu me informo de todos os que

vieram antes. O desejo que habita no meu gesto de escolher uma cor, riscar um traço, já existiu em quem me instruiu, física e espiritualmente. Está presente no fazer do meu pai em seu ofício de pintor e montador, na leveza que minha mãe enxerga os percursos da vida. Compreender a história me desfaz da ideia de que sou única, que o tempo e sua ciclicidade é movimento, assim como a estética do que produzo.

Quais são os próximos passos ou desdobramentos após ‘O Peso da Água’?

Ainda estou escrevendo sobre os desdobramentos do que a exposição me trouxe e que estarão no corpo do texto da minha dissertação e continuo atenta às possibilidades que a abstração me proporciona pensando a prática artística como prática em performance-ritual. Tenho o interesse em me aprofundar no estudo de outros elementos como o fogo e a terra, investigando como a materialidade da prática me faz acessar esses outros saberes.